



## **Reflexões sobre concepções de cultura na história: a historiografia da cidade de Fortaleza do século XIX**

Patrícia Marciano de Assis<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a cultura através de alguns escritos historiográficos sobre a cidade de Fortaleza no período conhecido como Império. Para tanto, utilizamo-nos autores do Instituto histórico do Ceará para tentar responder a questão sobre de que modo podemos trabalhá-la. Objetivamos, assim, propor novos direcionamentos para a escrita histórica ao superar clivagens próprias da herança antropológica.

**Palavras-chave:** Cultura, historiografia, Fortaleza, Império.

## **Reflections about conceptions of Culture in history: historiography of the City of Fortaleza Nineteenth-Century**

**Abstract:** This article aims to reflect about the culture through some written's historiography about the city of Fortaleza in the period known as Empire. For this, we use ourselves of some authors from the historic Institute of Ceará to try to answer the question of how we can work it. Thus, we aim to propose new directions for historical writing to overcome cleavages own anthropological heritage.

**Keywords:** Culture, Historiography, Fortaleza, Empire.

Artigo recebido em 26/07/2014 e aceito em 24/09/2014.

# REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÕES DE CULTURA NA HISTÓRIA: A HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE FORTALEZA DO SÉCULO XIX

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a cultura através de alguns escritos historiográficos sobre a cidade de Fortaleza no período conhecido como Império. Para tanto, utilizamo-nos de alguns autores do Instituto histórico do Ceará para tentar responder a questão sobre de que modo podemos trabalhá-la, dando destaque para as discussões recentes da História Cultural, tomando como objeto a construção historiográfica sobre a cidade de Fortaleza do século XIX.

Teoricamente trabalharemos com alguns pensadores que vem contribuindo para a discussão histórica desse conceito, escolhidos devido não somente sua abordagem metodológica, mas as proposições de reflexão e práticas em suas escritas. São eles: Marshall Sahlins, Peter Burke, Michel de Certeau, Michel Foucault, Roger Chartier e Pierre Bourdieu<sup>II</sup>.

Metodologicamente selecionamos autores renomados da historiografia cearense, especificamente adeptos ou membros do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, que escreveram em diversos períodos sobre o século XIX, auxiliando, assim, na construção de certa memória sobre o contexto em questão. Os autores escolhidos são: Antônio Bezerra de Menezes, Raimundo Girão, Eduardo Campos e Mozart Soriano Aderaldo, respectivamente com os livros de “Descrição da cidade de Fortaleza”, “Geografia estética de Fortaleza”, “Capítulos de história da Fortaleza do século XIX: o social e o urbano” e “História Abreviada de Fortaleza e a crônica sobre a cidade amada”.<sup>III</sup>

Optamos por dividir nosso trabalho em três tópicos, a partir dos quais discorreremos, respectivamente sobre a utilização historiográfica e reflexão teórica da cultura por parte de autores renomados da História Cultural, dando destaque para suas opções teórico-metodológicas; para em seguida analisarmos a construção escrita de autores cearense sobre Fortaleza no século XIX; e relacionarmos ambas as discussões.

## 1. Refletindo sobre a cultura: entre práticas e representações.

A discussão principal que propomos aqui tem como ponto chave aquela iniciada por Sahlins que ao trabalhar com dois paradigmas da teoria antropológica – cultura e razão prática (apontadas por Lévi-Strauss a respeito da ecologia e do estruturalismo), afirma que é de longa data uma reflexão dicotômica sobre o pensamento e a ação, pois, segundo o autor: “Esse conflito entre a atividade prática e os limites da mente se insere em uma contradição original e básica, entre cujos pólos a teoria antropológica tem oscilado desde o século XIX”<sup>IV</sup>. Posicionando-se na discussão que levanta, Sahlins defende que o conceito não procede da prática, pois:

O status empírico da proposição segundo a qual a cultura é o “epifenômeno” de uma outra realidade é em si mesmo uma ilusão. O que estava presente ao longo de todo o método, e que assoma à superfície aqui como a verdadeira fonte da proposição, é a sociedade burguesa.<sup>V</sup>

Além de auxiliar na problematização de um método influenciado pela burguesia, em termos de reflexão histórica o que significaria essa discussão da antropologia entre a precedência do conceito (ideia) ou da prática? Ora, as últimas transformações pelas quais a história vem passando desde a escola dos *Annales*, como apresentou Burke, resultou numa aproximação com as outras ciências humanas, tais como a psicologia e a sociologia, mas foi a antropologia e seu conceito de cultura que permitiu uma maior expansão do seu campo – segundo o mesmo autor, a maior contribuição dessa escola: “Uma razão da atração da antropologia social para os historiadores da terceira geração talvez tenha sido o fato de que essa ciência (que caminha sobre as duas vias, em direção ao geral e ao

## REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÕES DE CULTURA NA HISTÓRIA: A HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE FORTALEZA DO SÉCULO XIX

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

particular), talvez auxilie os historiadores a encontrarem seu equilíbrio.”<sup>VI</sup>. Ou dito de outro modo: “Certas teorias culturais fizeram com que os historiadores tomassem consciência de problemas novos ou até então ignorados, e, ao mesmo tempo, criassem por sua vez novos problemas que lhes são próprios.”<sup>VII</sup>.

Deste modo, podemos questionar se a influência antropológica sobre a ideia de cultura pode ter trazido em seu cerne os pares dicotômicos apresentados pelo autor e repassados sem discussão pelos historiadores da cultura. Então, dada à importância da discussão para o *metier* do historiador faz-se necessário colocar em questão tais pares, que podem apresentar-se de diferentes modos: objetividade/subjectividade, infraestrutura/superestrutura, prática/representação, etc.. É sobre a ideia de cultura que focaremos a análise que se segue – sem desconsiderar tais dicotomias enquanto parte desse processo epistêmico, tendo em vista a repercussão de tais conceitos para a historiografia recente, e para a História Cultural, especificamente derivadas daquela escola.

Deste modo, lançamos alguns questionamentos iniciais: podemos falar em dicotomia em relação a esses conceitos na história, como sugere Sahlins<sup>VIII</sup> em relação a antropologia? Estariam eles em campos opostos na escrita historiográfica? Qual o resultado para a pesquisa histórica quando optamos por uma visão dicotômica da cultura? Como a cultura é entendida a partir de opções teóricas? Etc.. Essas questões assaltam-nos uma vez observada certa tendência em colocar, de forma determinada ou subentendida, por exemplo, a distinção entre práticas e representações, respectivamente, “conjunto de atividades”<sup>IX</sup> e imagens e ideias “com o poder de modificar a realidade que parece refletir”<sup>X</sup>.

No caso de Chartier, por exemplo, embora afirmando que não há lugar para uma discussão sobre o conceito de cultura em seu livro sobre a História Cultural, ele arrisca afirmar, a título de conclusão de um capítulo sobre história intelectual e da mentalidade, que:

O mais grave na aceção habitual da palavra cultura não é, por isso, o facto de ela geralmente respeitar apenas as produções intelectuais ou artísticas de uma elite, mas de levar a supor que o <<cultural>> só é investido num campo particular de práticas ou de produções. Pensar de outro modo a cultura, e por consequência o próprio campo da história intelectual, exige concebê-la como um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nos comportamentos aparentemente menos culturais [...]<sup>XI</sup>.

A partir de uma discussão sobre a história da História Cultural, o autor não só levanta as revisões que criticam a ideia de uma cultura de elite em oposição a uma “cultura popular”, como em oposição ao conceito de cultura que dedica atenção às práticas, define-a como *um conjunto de significações que se enunciam nos discursos*. Deste modo, não apenas ressalta uma permanência histórica da dicotomia entre prática e discurso (ou representação), como refere-se a ela como sendo uma caixa preta para a historiografia, ou seja o uso desses conhecimentos sem questionamentos<sup>XII</sup>.

Para Certeau, por exemplo, a “cultura popular” se formula como “artes de fazer” articulando conflitos, tensões e violências que legitimam e deslocam ou controlam a razão mais forte, isto é, as práticas colocam em jogo “uma maneira de pensar investida num agir”<sup>XIII</sup>, pois, para ele, as táticas “formam *um campo de operações dentro do qual se desenvolve também a produção da teoria*”<sup>XIV</sup>.

Esta visão de cultura traz um deslocamento dentro do campo da análise histórica em que, nas palavras do autor: “Ao invés de permanecer no terreno de um discurso que mantém o seu privilégio invertendo o seu conteúdo (que fala de catástrofe e não mais de progresso), pode-se enveredar por outro caminho: analisar as práticas microbianas,

## REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÕES DE CULTURA NA HISTÓRIA: A HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE FORTALEZA DO SÉCULO XIX

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

singulares e plurais”<sup>XV</sup>. Deste modo, vemos colocada uma ideia de cultura em que discurso e prática emergem como contraponto essencial para o desenvolvimento de uma teoria que coloca o popular como sujeito histórico ativo.

Ao optar pela utilização de uma teoria da prática que tem como destaque a ação em detrimento do discurso, Certeau objetiva revisar as discussões teóricas, além da perspectiva do Estado em relação ao povo<sup>XVI</sup>, de pensadores tais como Bourdieu e Foucault, o que nos impele a visitá-los para além do que aquele nos apresenta.

Trazendo outra perspectiva da teoria das práticas, Bourdieu, por exemplo, estaria entre aqueles que optam por trabalhar com as ideias filosóficas de “relações objetivas”, “estruturas objetivas” e “estruturas incorporadas”, ou como ele afirma:

Também uma filosofia da ação, chamada às vezes de *disposicional*, que atualiza as potencialidades inscritas nos corpos dos agentes e na estrutura das situações nas quais eles atuam ou, mais precisamente, em sua relação. Essa filosofia [...] opõe-se radicalmente aos pressupostos antropológicos inscritos na linguagem, na qual comumente se fiam os agentes sociais, particularmente os intelectuais, para dar conta da prática.<sup>XVII</sup>

Ou seja, sua teoria consiste em observar uma prática que seja ao mesmo tempo individual e coletiva, tentando fugir de uma “série de oposições socialmente muito fortes, indivíduo/sociedade, individual/coletivo, consciente/inconsciente, interessado/desinteressado, objetivo/subjetivo etc.”<sup>XVIII</sup>. Deste modo, a cultura apresenta-se em sua teoria ligada ao capital cultural e simbólico, numa vertente que se aproxima do marxismo ao trazer a tona termos como produção, mercado e bens. Entretanto, ao trabalhar com essa ideia de prática ele faz antes um discurso teórico das práticas do que uma análise das práticas propriamente ditas, como sugere Certeau.

Já Foucault, segundo Machado, oscilaria entre os discursos e práticas, como fez respectivamente no livro “O nascimento da clínica” e na “História da loucura”, desenvolvidos entre sua genealogia do poder e arqueologia do saber, pois:

para ele, toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa, que aceita seus limites, seu inacabado, sua parcialidade, formulando conceitos que esclarecem os dados [...], mas que, em seguida, são revistos, reformulados, substituídos com base em novo material trabalhado.<sup>XIX</sup>

Assim, sua ideia de prática, ou prática discursiva, estaria ligada as instituições, podendo ser caracterizada por uma reflexão que tem como centro uma visão *panóptica* ao invés dos praticantes ordinários, ainda que ressalte a existência de micropoderes exteriores ao Estado.

Quero dizer que, em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que essas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem certa economia dos discursos de verdade que funcione segundo essa dupla exigência e a partir dela. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade.<sup>XX</sup>

Deste modo, sua própria ideia de poder e saber como indissociados e construídos social e historicamente remetem ao discurso como objeto de reflexão, no qual a verdade aparece intimamente ligada, pois, para ele, o importante é que “a verdade não existe fora do poder ou sem poder”<sup>XXI</sup>. A leitura da cultura é uma leitura do discurso sobre a cultura.

No campo da antropologia, segundo o Sahlins, a questão colocada pela razão prática era a da existência da cultura enquanto objeto distintivo da disciplina, uma tentativa

## REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÕES DE CULTURA NA HISTÓRIA: A HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE FORTALEZA DO SÉCULO XIX

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

de libertar a antropologia dos grilhões do naturalismo trazendo não só uma reflexão do simbólico como uma penetração para o campo prático, deste modo conclui a discussão:

Todos esses tipos de razão prática também têm em comum uma concepção empobrecida da simbolização humana. Para todos eles, o esquema cultural é o signo de outras realidades, obedecendo no final em seu arranjo interno a outras leis e outras lógicas. Nenhum deles foi capaz de explorar a fundo a descoberta antropológica de que a criação do significado é a qualidade que distingue e constitui os homens – a “essência humana” de um discurso mais antigo – de modo que, pelos processos de valorização e significação diferenciais, as relações entre os homens, bem como entre eles e a natureza, são organizadas.<sup>XXII</sup>

O próprio autor dentro dessa discussão – entre razão prática e cultura, não obstante a percepção dessas dualidades, não só posiciona-se em favor de certo conceito de cultura que privilegia o simbólico, como define o “significado” como chave do entendimento das relações entre os homens e a natureza, recaindo na mesma discussão, ao sugerir que um dos dois é mais importante.

Da mesma forma que Sahlins, os autores selecionados para discutir a cultura acabam a colocando como uma questão de posição teórico-metodológica entre os pólos da dicotomia herdada da antropologia entre discurso/representação ou práticas (discursivas ou ordinárias). Assim, vemos perpetuado nas discussões historiográficas, a ideia de que a cultura não precisa ser vista como um complexo que envolve tanto ideias quanto ações, mas como opção teórica que leva a dois caminhos distintos: representação ou prática...

### **2. Fortaleza e historiografia cearense: a construção de uma cidade e de uma cultura do século XIX**

Buscando analisar a escrita da história da cidade de Fortaleza do século XIX selecionamos alguns autores da historiografia cearense de diferentes períodos todos ligados ao Instituto Histórico, Antropológico e Geográfico do Ceará, quais sejam: Antônio Bezerra de Menezes que teve seu trabalho “Descrição da cidade de Fortaleza” publicado originalmente pela revista do Instituto do Ceará em 1895; Raimundo Girão, aclamado Presidente de Honra do Instituto, com sua obra póstuma “Geografia estética de Fortaleza” de 1959; além dos livros publicados pelos seus membros: em 1974 “História Abreviada de Fortaleza e a crônica sobre a cidade amada” de Mozart Soriano Aderaldo; e o da década seguinte de Eduardo Campos, que teve o cargo de presidente na mesma instituição, “Capítulos de história da Fortaleza do século XIX: o social e o urbano”.<sup>XXIII</sup>

Optamos por estas obras por terem em comum além do fato de seus autores serem membros de uma mesma instituição, a temática da Fortaleza do século XIX, amplamente utilizados pelos estudiosos do período, selecionadas dentre diversas outras direta ou indiretamente ligadas ao Instituto do Ceará. O objetivo é vislumbrar através de suas obras uma amostragem da prática de escrita histórica sobre a cultura do século supramencionado, no sentido de analisar temáticas, personagens e abordagens recorrentes.

Dito isso, gostaríamos de levantar algumas questões pertinentes a reflexão do tópico anterior: como podemos pensar a cultura imperial na capital cearense? Com que tipo de cultura deparamo-nos aos seguirmos as opções teórico-metodológicas desses autores? Também haveria clivagens dicotômicas? Quais suas consequências para a historiografia do tema e período para futuros pesquisadores? Partindo do pressuposto de que o contexto não é algo dado, quais elaborações foram ratificando-se acerca do período em análise? Enfim, gostaríamos de ressaltar que numa análise mais aprofundada dessas obras teríamos que

## REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÕES DE CULTURA NA HISTÓRIA: A HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE FORTALEZA DO SÉCULO XIX

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

levar em consideração os momentos históricos nos quais foram construídas por seus autores, mas tal objetivo foge aquele que nos propomos para este trabalho.

Menezes foi um dos primeiros grandes nomes propalados pelo Instituto do Ceará através de sua revista, a qual conta em seus números a conhecida obra de “Descrição da cidade de Fortaleza”, que traz um tópico com informações sobre esta Instituição, cujo fim a seu ver é “tornar conhecidas a história e geografia do Ceará e concorrer para o desenvolvimento das letras e ciências, para o que publica uma Revista bem interessante, que já conta oito anos de existência”<sup>XXIV</sup>. Nesta obra o autor descreve componentes da cidade de Fortaleza remontando ao período colonial em sessenta e sete tópicos. Influenciado por autores ligados ao método positivo, seu objetivo é registrar monumentos, aspectos sociais e grandes personalidades que a seu ver foram marcos na história da capital cearense.

Para tal, utiliza-se principalmente da geografia, ao buscar delimitar a localização e a temperatura desse território, além dos documentos oficiais do governo, os quais em diversos momentos são inteiramente transcritos: “Destes documentos e de outros, que irão publicados depois, se há de concluir que desde 1746 existia a igreja matriz no lugar onde ainda hoje se acha”<sup>XXV</sup>. Abstêm-se de lançar opiniões sobre casos, quando o faz procura lançar mãos de argumentos, geralmente em detrimento de alguma afirmação anterior, como o faz com João Brígido e a denominação do sítio Marinhas: “Minha opinião é que o mar nunca influiu para dar-se-lhe essa denominação, e quando fosse possível, seria ela aplicável a outros pontos mais próximos dele”<sup>XXVI</sup>, mostrando claramente em sua escrita o intuito de alcançar a objetividade dos fatos.

Intitulando seus tópicos, o autor seleciona elementos tidos como característicos do século XIX, tal como os serviços de iluminação, a divisão paroquial, os meios de comunicação, o porto, a estátua do General Tibúrcio e grande número de prédios relacionados diretamente aos serviços do governo (Palacete da Assembleia, Quartéis dos batalhões de infantaria e de segurança, Secretaria da fazenda, Câmara Municipal, Cadeia pública, Tesouraria da fazenda, posto policial, correios, entre outros), ou indiretamente tais como os espaços de educação (Biblioteca Pública, Escola Normal, Colégio Imaculada Conceição e escolas públicas e particulares) e produção do conhecimento (Instituto do Ceará, Academia Cearense, Padaria Espiritual, Centro Literário, imprensa, etc.); e de circulação (Estrada de Ferro de Baturité, Mercado público, matadouro público, *Reform Club*), religiosos ou de saúde (Santa Casa de Misericórdia, cemitério São João Batista, Palácio episcopal, Seminário, Asilo de Mendicidade e templos católicos).

Escrita para servir de referência a posteriori, sua seleção revela traços que vão caracterizar as obras posteriores do Instituto do Ceará, a saber, o destaque para grandes nomes e fatos da história, com ênfase aos avanços técnicos do período em questão tanto na estrutura da cidade que ganha fábricas e diversos outros prédios, quanto nos meios de comunicação, conhecimento e iluminação: “É iluminada a gás hidrogênio carbonado desde 17 de setembro de 1867, tendo sido feita a primeira experiência no dia 7 do mesmo mês pela iluminação parcial da cidade e de alguns edifícios”<sup>XXVII</sup>, antecipando, inclusive, melhoramentos contemporâneos seus, já então na República “A cidade da Fortaleza, no domínio republicano, tem tomado um incremento admirável; sua edificação cresce prodigiosamente e por toda parte a vida, o movimento dão-lhe ar de grandeza e prosperidade”<sup>XXVIII</sup>. Entretanto, dentro desse movimento de prosperidade, observamos costumes ou a classe menos favorecida aparecer apenas esporadicamente:

Cercada de grades de ferro, à sombra das grandes árvores, ou caprichosos alegretes matizados de variadas flores, os grupos de palmeiras, as pequenas ruas de Mirtácias, por entre as quais sobressaem as estátuas brancas das deusas do

## REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÕES DE CULTURA NA HISTÓRIA: A HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE FORTALEZA DO SÉCULO XIX

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

Olimpo ao lado de vistosos pavilhões, tornam este lugar concorrido e atraente, principalmente nas noites de quintas-feiras e domingos, em que a população da capital, sem distinção de classe ou condição, vem a recrear-se na mais doce cordialidade.<sup>XXIX</sup>

E quando aparecem, além de ressaltar certa *cordialidade*, é com menor ênfase do que os feitos de “homens públicos” ou ações em espaços distintos, como o faz em relação à Padaria Espiritual: “agradável palestra sobre literatura, e, tudo que faz assunto de recreação entre aqueles que se dedicam seriamente às letras na terra cearense.”<sup>XXX</sup>. A cultura para ele é a dos discursos de melhoramentos técnicos e progressos nos campos do saber.

Raimundo Girão é quem prefacia, a edição pelo programa editorial da Universidade Federal, essa obra de Menezes, inclusive apresentando notas e esclarecimentos explicativos e comparativos no sentido de retificar, pois “muitas coisas ou afirmações que se contêm ali mudaram ou mesmo desapareceram durante esse espaço de tempo de mais de 86 anos”<sup>XXXI</sup>. Sugerindo por outro lado, quase um século de utilização da mesma obra.

Também foi ele o selecionado para ser analisado, pela grande importância dada pela historiografia, através de seu livro “Geografia Estética de Fortaleza”, entendida como modo pelo qual “*sentimos* a Geografia Física e a Geografia Humana”, ou seja, a geografia estética “é o *espírito* de ambas, o reino da sensibilidade na Geografia.”<sup>XXXII</sup>. Para dar conta dela, divide o livro em dezesseis tópicos trespassado com referências do período colonial ao republicano, dando destaque para a paisagem, tanto no que diz respeito à cidade e sua “Disciplina Urbanística”, quanto de seus locais sociais, tais como as praças, salões e cafés, além de revelar aspectos da economia, comércio e circulação.

Teoricamente, Girão afirma, explicando o título do livro, que a ideia de *geografia estética*, auxilia no estudo do “orgulho das civilizações ou, melhor, da Civilização: o mundo físico transfigurado, pontilhado de precipitados geográficos, dos quais, por certo, os mais evidentes são as cidades, verdadeiros acúmulos deles.”<sup>XXXIII</sup>. Esta analisada do ponto de vista de uma paisagem humanizada, mais ainda, de uma estética, a qual “nos conduz a ver essa paisagem em festa e adornos, cheia de conteúdo surpreendentemente animado.”<sup>XXXIV</sup>. Utilizando-se de outros estilos de fontes além das oficiais, principalmente através de relatos de memória, jornais, fotografias, entre outras.

Na prática, ao falar de Fortaleza, ele dá prosseguimento a diversas ideias trabalhadas pelo autor anterior, tal como a ratificação ou retificação de datas e fatos: “o que se tem de fazer é aceitar que Pinzón descobriu o Brasil tocando as praias cearenses.”<sup>XXXV</sup>. Antes de abordar os “martírios climáticos” provenientes das secas e a escolha do local de fixação do núcleo que originou Fortaleza, define sua ideia de cidade:

As cidades formam-se pela utilização das vantagens físicas da paisagem e sua adaptação às necessidades do homem. E o uso de tais vantagens ou elementos fornecidos pela natureza começa com a convergência de interesses humanos em determinado *local* e em dada *situação*. São considerados, em geografia, o primeiro como o trato ou quadro topográfico em que se processa uma fixação dêmica, e a segunda como a posição do referido local em concordância ou relação com o meio circundante ou cercadura geofísica.<sup>XXXVI</sup>

A partir dessa ideia periodiza a evolução histórica de Fortaleza em cinco momentos: o primeiro até 1726 – inauguração da Vila; dessa data até 1799 – emancipação de Pernambuco; a terceira comporia este último marco até o seguinte de 1900 – devido ao progresso material e cultural: “A nossa condição de Colônia, com a Metrópole a sugar-nos avidamente numa ímpobra “fiscalidade de carrapato”, no pitoresco juízo de Manuel Bonfim, não oferecia ambiente aos faustosos e fidalgos salões à moda francesa.”<sup>XXXVII</sup>; o quarto iria de 1900 até 1930 – devido ao movimento revolucionário; e, por último – o período da “Renascença”, afirma que:

## REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÕES DE CULTURA NA HISTÓRIA: A HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE FORTALEZA DO SÉCULO XIX

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

Daí para cá a cidade, evidentemente, entre *noutro período*, acelerando a marcha em procura da sua *realização* como capital moderna, com um surpreendente índice de crescimento urbanístico e apresentando, dignos de melhor nota, novos padrões arquiteturais e novas atividades sociais e econômicas.<sup>XXXVIII</sup>

Ou seja, em linhas gerais, o período do Império aparece como um período de continuação de uma marcha que se iniciou com a colonização e caminha em direção as realizações modernas: “O progresso da cidade, era, agora, evidente.”<sup>XXXIX</sup>. Assim, a história de Fortaleza desse período é aquela composta por planos (de planejamento e asseio de ruas), construções (sobrados, porto, etc.), realizações de grandes figuras (O Boticário Ferreira, Adolfo Hebler, etc.), sendo utilizada, inclusive de modelo para intervenção do presente do autor, tal como o malogro de alguns planos urbanísticos:

Morreu por ter nascido inviável, esta segunda tentativa de urbanização de Fortaleza. Morreu pela carência de ponderação no seu ajustamento à realidade e, principalmente, porque lhe faltou o indispensável, lento e seguro preparo de uma *consciência* ou mentalidade geral, que o garantisse conta as insólitas reações que os Planos de cidade necessariamente provocam.<sup>XL</sup>

Malgrado, segundo Girão por falta dessa *consciência*, mas principalmente por líderes, pois: “há indivíduos que rompem o nível comum e se transformam em expoentes, em líderes, em *condottieri*, seja no campo das letras e das ciências, seja no das armas, dos negócios, ou da política.”<sup>XLI</sup>. Deste modo, seriam esses expoentes os responsáveis pelos progressos ansiados para a cidade de Fortaleza, tal como fala sobre o governador Manuel Inácio de Sampaio, bem como as instituições intelectuais: “Quem vai imprimir indelével marca na vida cultural cearense são os mancebos da chamada Academia Francesa do Ceará, de início em 1872”<sup>XLII</sup>.

Novamente, o povo aparece observando o progresso – emergindo rapidamente nesse tipo de história: “o povo passou a chamar o pão dessa padaria, qualquer que fosse o tipo – “pão de máquina”.”<sup>XLIII</sup>, destruindo ou trabalhando nas construções “começaram os calçamentos a detender os pés dos fortalezenses contra a quentura das areias, conquanto ainda feitos de pedra tosca, por operários sem a devida habilitação.”<sup>XLIV</sup>. Mas no geral Fortaleza aparecia com “todas essas coisas, em suma, que tecem os conjuntos humanos superexcelentes”<sup>XLV</sup>:

Caía, empurrada violentamente, mas gostosamente, no *struggle* realista das cidades civilizadas, dir-se-ia melhor, dramatizada, sincréticas, mergulhadas nos mais contraditórios complexos, com bairros opulentos e bairros mendigos, com arranha-céus insolentes e tugúrios de lataria, com automóveis de luxo em disparada, matando os transeuntes ou abalroando com jumentinhos lerdos carregados de utilidades. Com academias, colégios, Universidades, ao lado de escolas primárias sem bancos e sem ensino; com estações de rádio, televisão, com jornais tirados em rotativas e com a off-set. Com as praias cheias de plástica sensual das garotas ricas, desnudadas nos *maillots* e *shorts* inveja, das mocinhas desafortunadas, nuas de verdade sem ter com que cobrir-se.<sup>XLVI</sup>

Essa era a capital cearense, cada vez mais civilizada e mergulhada em contradições – reconhecimento a partir do qual não se seguiu com uma história das camadas menos favorecidas, mas aparecendo apenas como resultado de um processo de civilização aceito como fase essencial da história da cidade.

Em suma, sua escrita trouxe elementos culturais e naturais como componentes dos fatos históricos, na medida em que aqueles estavam envoltos com relações com o homem, assim, como as festas de salões e carnavais são apresentadas enquanto embelezamento e divertimentos da “Princesa” – metáfora para designar a cidade de Fortaleza, sem deixar de ressaltar o “espírito associativo que tanto caracteriza o cearense.”<sup>XLVII</sup>. Assim, em sua argumentação sobre a emergência dessa vida cultural, citou a participação em festas,

## REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÕES DE CULTURA NA HISTÓRIA: A HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE FORTALEZA DO SÉCULO XIX

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

hábitos de vestir, dançar, etc.: “Até nove horas da noite, quando se fechavam os portões de ferro do Passeio, desde o tempo da administração do Pais Pinto, velhos dum lado e moços do outro comentavam a vida segundo o prisma de sua geração. O passado diante do presente ou, melhor, do futuro.”<sup>XLVIII</sup>. A cultura era a das práticas de distinções da capital.

Outro que prosseguiu dando tais destaques para a história de Fortaleza, foi Eduardo Campo, o qual em seu livro “Capítulos de história da Fortaleza do século XIX: o social e o urbano”, trabalha além da cidade o aspecto social desse período: “Praticamente Fortaleza, cenário de tudo que se conta no decorrer deste livro, não chegava a ocupar fisicamente trinta quadras (quarteirões) no centro das urbes.”<sup>XLIX</sup>.

Dividido em treze tópicos, numa abordagem que destaca o social e o cultural, com informações sobre o popular, as festas, etiquetas, cronistas (inclusive Bezerra de Maneses), fotografias, religiosidade, poemas, enfim, comportamentos e sentimentos, ou sobre o que chama de “mundanismo cearense, precisamente o da Fortaleza que aprendi”:

Será este um livro em que o leitor perceberá, antes de tudo. O pesquisador curiosos; o cronista, o folclorista, o sociólogo. O historiador, ao tudo e ao mais que a seguir se lerá, é apenas o da perspectiva de seriedade imposta a trabalho empreendido com profundo respeito à verdade.”<sup>L</sup>.

Deste modo, influenciado por suas experiências com o folclore e o teatro faz uso do conceito de moda para destacar o interesse das classes populares para a elegância através, por exemplo, do *bilhete do sereno*:

A tal feição é de se ver o interesse popular, principalmente no século passado, e a começo deste, acudindo à rua como platéia não convocada (ou menos grata), a participar de casamentos, bailes e outras ocorrências da sociedade, comprimida nas proximidades dos eventos, procedimento de tal modo generalizado, e marcante, que acabaria tornando muito importante a formação do *sereno*, costume popular já em nossos dias bastante atenuado, mas que quer significar a situação de uma récuca de pessoas empolgada à curiosidade de ato social, ainda que mantida à distância, mas a usufruir-lhe indiretamente os monumentos de seu aguardado realce.<sup>LI</sup>.

Confrontando com o perfil dos anteriores, temos nova perspectiva do século XIX, ainda envolto aos anseios de verdade, mas com novos interesses voltados aos costumes, misturando discursos e práticas, tal como o *sereno* que permite ao autor apresentar novos elementos aquelas festas e ocasiões anteriormente tão argumentadas pelos outros dois:

O exercício religioso dos que vão à igreja, principalmente em dias consagrados ao santo de culto principal; ou simplesmente dos que se sensibilizam por procissões, ou ao apelo da frequência às confrarias, acaba gerando comportamento que resulta, ao passar dos dias, um elenco de normas de etiqueta social.<sup>LII</sup>.

O povo aparece aqui, não como o outro que a cidade agrega como parte de um processo de civilização, mas como aquele que pratica seus espaços e é sensível as suas normas, enfim, anseia – da sua maneira – fazer parte dessa nova sociedade: “o povo sempre se colocou, no Ceará, na posição de espectador espontâneo, sem deixar de manifestar-se nessas ocasiões com espírito crítico, muita vez de mordente irreverência.”<sup>LIII</sup>. A cultura cearense no Império é composta por todas as contradições que a cidade agrega.

E, por fim, temos um livro diferenciado, o de Mozart Soriano Aderaldo: “História Abreviada de Fortaleza e a crônica sobre a cidade amada”<sup>LIV</sup>. Esta obra, além de propor uma história da cidade, traz crônicas e relatos de memória do autor sobre trechos da capital cearense. Assim, dividida em oito partes principais, temos uma parte histórica, diversas crônicas de trechos de ruas e fotografias.

Na primeira parte – a da *História Abreviada de Fortaleza* – temos, semelhante aos anteriores, tópicos que ressaltam personagens, fatos, feitos técnicos e movimentos

## REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÕES DE CULTURA NA HISTÓRIA: A HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE FORTALEZA DO SÉCULO XIX

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

intelectuais e técnicos: “a História de Fortaleza se resumiria na crônica de dois cursos d’água: o rio Ceará e o riacho Pajeú”<sup>LV</sup>, além de remontar ao período de criação da vila e revisões de fatos da historiografia. Ao longo do texto ele também tece comentários e sugestões de melhoramento da cidade:

Esta a razão por que o Mercado Central se acha ali localizado e não, talvez, no terreno do Palácio da Luz, pois aquele velho casarão foi demolido na década de 1930, a fim de lá ser levantado o referido Mercado, para cuja necessaríssima reforma ainda não apareceu Prefeito com a indispensável coragem. Destarte, atenderíamos, além das conveniências já salientadas, a outra exigência do progresso, que é o prolongamento da Rua Senador Alencar até a Conde d’Eu, completando a ligação com a Rua Costa Barros, com previsível repercussão positiva no problema do trânsito.<sup>LVI</sup>

Além de salientar as demolições, Aderaldo apresenta o fenômeno de modificação do centro da cidade como espaço residencial para um local de comércio por conta do “impulso progressista de nossa capital”, identificando um caminho tomado pelos dirigentes como de descaso com a tradição:

De par com esse despropósito urbanístico, acentuou-se a aversão de alguns de nossos edis à tradição da cidade, já de si tão minguada. Demoliu-se o histórico edifício da Intendência Municipal, para ensejar a construção, em 1946, do inestético Abrigo Central, corojosamente destruído na administração Murilo Borges, que assim compensou de algum modo o despropósito de construir ao lado da bela estátua de José de Alencar, em frente ao Teatro do mesmo nome, frequentado por moradores da cidade e por visitantes, dois inconvenientes e obviamente imundos mictórios públicos surdo que ficou o Prefeito aos protestos da imprensa e aos apelos do Instituto do Ceará, a mais velha instituição cultural de nosso Estado, que zela pela nossa história e tradição. Aliás, diga-se, a bem da justiça, que não foi ele o único a permanecer surdo às sugestões do Instituto do Ceará.<sup>LVII</sup>

Para ele o progresso não deve se dá sob a destruição das tradições: “Suas mais gratas tradições têm sido criminosamente destruídas por muitos dos que tinham antes o dever de preservá-las e defendê-las”. Segundo ele, os responsáveis por estas destruições são inclusive parte da elite: “Se assim procediam as chamadas “elites”, o que não dizer das “massas”, dos habitantes de nossos subúrbios?”<sup>LVIII</sup>, e em relação as massas:

Levas de emigrantes, em consequência das secas, constroem “favelas” em seu derredor e trazem para a cidade problemas sociais os mais variados, da prostituição de infelizes mocinhas pobres ao “biscatismo” consequente da mão-de-obra não qualificada. Do costume de cuspir no pé das paredes ao de alimentar-se nas ruas e jogar nas calçadas as cascas de banana, manga e laranja ali mesmo consumidas. Dos pés descalços à roupa em trapo e mal lavada.<sup>LIX</sup>

Identifica que certos problemas existentes decorrem desses últimos, como uma força descivilizadora, destacando que dessa desatenção: “Até mesmo a natureza vem sendo sistematicamente violentada.”<sup>LX</sup>. Conclamando:

À nova geração de fortalezenses, mormente aos egressos da Escola de Arquitetura do Ceará, cabe a ingente tarefa de defender e fiscalizar a aplicação e contínua adaptação do Plano, para o bem-estar e felicidade dos futuros habitantes desta heróica e mui leal cidade de Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção, cujas tradições, já muito mutiladas destruídas, devem ser valentemente preservadas e defendidas.<sup>LXI</sup>

Deste modo, para ele, era dever de uma elite intelectual, não só distinta das classes populares mas das demais elites que se fazem surda ao apelo da tradição, a luta pela preservação da memória, da história e da tradição da cidade de Fortaleza, especialmente a geração da Escola de Arquitetura, a quem cabia refrear as destruições realizadas por prefeitos inconscientes. A cultura é o que subsiste as práticas descivilizadoras.

### 3. A título de conclusão e articulação dos tópicos

Influenciada pela antropologia através do conceito de cultura, a história traz o discurso e as práticas distintamente selecionados, conforme a opção teórica e metodológica de cada autor, conforme vimos no primeiro tópico; mas sobretudo, podemos verificar que tais opções ajudaram na construção da própria ideia de cultura para cada autor: uma cultura de significados, uma cultura estruturada, uma cultura institucional, uma cultura popular em oposição a de elite – respectivamente: Sahlins, Bourdieu, Foucault e Certeau, o que nos permite sugerir que a opção teórica-metodológica entre prática ou representação, significa uma série de opções historiográficas que tem em seu cerne a discussão sobre a cultura, seus praticantes, seus discursos, o popular, a elite, etc., conforme nos apresentou em suas sínteses da historiografia Burke e Chartier.

Os autores analisados, no segundo tópico, sugerem que a história da cidade de Fortaleza do século XIX, ou sua cultura, seja contada a partir de uma caminhada progressiva a civilização, o que denota certa visão de cultura, a qual seria em sua grande maioria praticada por aqueles que detêm a posse de bens materiais e culturais, ou, em menor escala, seria desejada pelos menos desfavorecidos cujas práticas – muitas vezes esquecidas ou deixadas ao silêncio na sua história – ora são descivilizadoras, ora buscam constantemente alinhar-se aos padrões estabelecidos pela civilização.

Analisando do ponto da discussão anterior, podemos perceber a existência de clivagens no conceito de cultura, a partir da qual, a busca pela *objetividade* – não obstante os posicionamentos políticos presentes, deixa para trás a subjetividade desta última; cuja busca está ligada a preservação de uma história da cidade de Fortaleza que passa pelas grandes construções e pelos grandes homens do século XIX, sendo o progresso material e espiritual é eminente e regalia de uma minoria esclarecida.

A ideia de cultura construída nessas análises históricas, que tratam apenas aparentemente das práticas contraditórias presentes no século XIX, pressupõe recortes estratégicos em discursos presentes nas fontes analisadas por tais historiadores, que a exceção de Eduardo Campo, não entendem como cultura as representações e práticas de uma população menos favorecida. Deste modo, tal concepção não permite problematizar a maneira pela qual essa civilização adentrou na capital cearense, os interesses por traz desses discursos de progresso, a relação entre as classes rigidamente clivadas e, principalmente, o caráter ativo dos sujeitos sociais, sejam da elite ou não.

Deste modo, optar por uma visão panóptica como fez Foucault e Bourdieu na prática de uma escrita histórica significa desconsiderar uma série de práticas singulares, como o faz Certeau. Entretanto, quando optamos por descrever costumes como o *sereno* e a *religiosidade* e não consideramos os discursos que ensejam o desejo, ou os símbolos que estão por traz dessas práticas, ficamos muitas vezes na superfície de uma história que se apresenta muito mais como caricata do que como reflexão profunda sobre determinados hábitos, práticas, ou representações, as quais são inerentes ao homem, sujeito singular, e aos homens, sujeitos coletivos que conformam e constroem uma cidade como a da Fortaleza do século XIX. Logo, desconsideramos a cultura em sua complexidade.

Tendo em vista tais considerações, podemos chegar à conclusão de que o conhecimento da cultura de um povo passa tanto pelos aspectos da vida material ou objetiva, quanto pelo viés simbólico ou subjetivo, a questão a se fazer ao historiador é se há como separar na complexidade do homem ou da coletividade, o que seria da ordem do

## REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÕES DE CULTURA NA HISTÓRIA: A HISTORIOGRAFIA DA CIDADE DE FORTALEZA DO SÉCULO XIX

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

discurso ou da prática. Desta feita, devemos refletir sobre que tipo de cultura queremos construir enquanto tecedores dos fios da Clio, atentando para as diversas problemáticas que o uso da cultura supõe, pois, conforme sugeriu Durval Muniz de Albuquerque Júnior:

O fato, o evento, não pode ser reduzido nem somente à irrupção real de uma ação, de uma prática sem sentido, sem significado, incômodo sensível que nada significa, nem somente à sua barroca e grandiloquente narrativa. (...) Todo fato é, ao mesmo tempo, natureza, sociedade e discurso, pois é materialidade, relação social e de poder e produção de sentido. (...) Todo evento histórico é cultural e simbólico e precisa de alguma forma de linguagem ou de simbologia para acontecer, para estabelecer os laços de comunicação entre os homens, sem os quais não haveria economia, política ou sociedade, nem mesmo objeto ou sujeito.<sup>LXII</sup>

Posto que a reflexão sobre a cultura ditará as opções teórico-metodológicas a serem tomadas, sugerimos preferência naquelas que coloquem a história não só como a história dos homens no tempo, mas uma história de interação entre homens e objetos no tempo sob perspectiva não só das práticas, mas também das representações. Isto significaria um passo em direção à superação das clivagens<sup>LXIII</sup> que herdamos da antropologia e ajudamos a construir através do conceito de cultura seja quando refletimos com os historiadores da História Cultural, ou, quando problematizamos a ideia de uma cultura de Fortaleza no século XIX. Assim, mais do que uma história de grande feitos e fatos, teríamos histórias que ajudariam a refletir sobre o homem na sua inteireza, como alma e corpo, ideia e matéria, representação e prática...

### Notas

<sup>I</sup> Mestranda (CAPES) em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Este texto foi produzido como conclusão da cadeira de Cultura e práticas urbanas ministrada pelo Professor Dr. Antônio Pádua Santiago de Freitas.

<sup>II</sup> SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003; BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008; CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998; FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: a história da violência nas prisões**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 1997; CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Portugal: DIFEL, 2002; e BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

<sup>III</sup> MENEZES, Antônio Bezerra de. **Descrição da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Ed. UFC, 1992; GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1997; CAMPOS, Eduardo. **Capítulos de história da Fortaleza do século XIX: o social e o urbano**. Fortaleza: UFC, 1984; ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e a crônica sobre a cidade amada**. Fortaleza: Programa Editorial da Casa de José de Alencar, 1998.

<sup>IV</sup> SAHLINS, op. cit., p. 61.

<sup>V</sup> Idem. p. 99.

<sup>VI</sup> BURKE, 1991, p. 126.

<sup>VII</sup> BURKE, 2005, p. 70.

<sup>VIII</sup> SAHLINS, 2003.

<sup>IX</sup> BURKE, 2005, p. 80.

<sup>X</sup> Idem. p. 84.

<sup>XI</sup> CHARTIER, 2002, p. 66-67.

<sup>XII</sup> LATOUR, 2011, p. 4.

<sup>XIII</sup> CERTEAU, op. cit., p. 42.

<sup>XIV</sup> Idem. p. 152.

REFLEXÕES SOBRE CONCEPÇÕES DE CULTURA NA HISTÓRIA: A HISTORIOGRAFIA DA  
CIDADE DE FORTALEZA DO SÉCULO XIX

PATRÍCIA MARCIANO DE ASSIS

- 
- <sup>xv</sup> Ibidem. p. 174-175.  
<sup>xvi</sup> GIRARD, 1998, p. 289 apud. BOURDIEU, op. cit..  
<sup>xvii</sup> BOURDIEU: op. cit., p. 10  
<sup>xviii</sup> Idem.  
<sup>xix</sup> MACHADO, 2012, p. 12-13.  
<sup>xx</sup> FOUCAULT, op. cit., p. 278-279.  
<sup>xxi</sup> Idem. p. 51.  
<sup>xxii</sup> SAHLINS, op. cit., p. 105  
<sup>xxiii</sup> Antônio Bezerra de Menezes nasceu em Quixeramobim em 21 de fevereiro de 1842 e morreu em 28 de agosto de 1921. Raimundo Girão originário de Morada Nova nascido no dia 3 de outubro de 1900, deixando a vida em 24 de julho de 1988. O maranhense Mozart Soriano Aderaldo nascido em 22 de Abril de 1917 e falecido em 25 de junho de 1995. Manuel Eduardo Pinheiro Campos natural de Guaiúba, de 11 de janeiro de 1923.  
<sup>xxiv</sup> MENEZES, op. cit., p. 177  
<sup>xxv</sup> Idem. p. 110  
<sup>xxvi</sup> Ibidem. p. 151  
<sup>xxvii</sup> Idem. p. 37.  
<sup>xxviii</sup> Ibidem. p. 187.  
<sup>xxix</sup> Idem. p. 36.  
<sup>xxx</sup> Ibidem. p. 178.  
<sup>xxxi</sup> GIRÃO, op. cit., p. 33.  
<sup>xxxii</sup> Idem, p. 11.  
<sup>xxxiii</sup> Ibidem. p. 14.  
<sup>xxxiv</sup> Idem. p. 15.  
<sup>xxxv</sup> Ibidem., p. 22.  
<sup>xxxvi</sup> Idem. p. 39.  
<sup>xxxvii</sup> GIRÃO, op. cit., p. 179.  
<sup>xxxviii</sup> Idem. p. 57.  
<sup>xxxix</sup> Ibidem. p. 105.  
<sup>xl</sup> Idem. p. 81.  
<sup>xli</sup> Ibidem. p. 85.  
<sup>xlii</sup> Idem. p. 181.  
<sup>xliiii</sup> Ibidem.p. 103.  
<sup>xliv</sup> Idem. p. 104.  
<sup>xlv</sup> Ibidem.p. 253.  
<sup>xlvi</sup> Idem. p. 253.  
<sup>xlvii</sup> Ibidem. p. 159.  
<sup>xlviii</sup> Idem. p. 186.  
<sup>xlx</sup> CAMPOS, op. cit. p. 162.  
<sup>l</sup> Idem. prefácio.  
<sup>li</sup> Ibidem. p. 15.  
<sup>lii</sup> Idem. p. 101.  
<sup>liii</sup> Idem. p. 15.  
<sup>liv</sup> ADERALDO, op. cit.  
<sup>lv</sup> Idem. p. 11.  
<sup>lvi</sup> Ibidem. p. 25.  
<sup>lvii</sup> Idem. p. 45.  
<sup>lviii</sup> Ibidem. p. 49.  
<sup>lix</sup> Idem.  
<sup>lx</sup> Idem.  
<sup>lxi</sup> Ibidem. p. 51.  
<sup>lxii</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teoria da História. - Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 27.  
<sup>lxiii</sup> Referimo-nos a outra clivagem da antropologia trabalhada por Bruno Latour, o qual sugere que essa disciplina coloca a cultura em oposição a natureza como algo natural, herança da visão humanista, a partir da qual o homem está acima daquela e ainda a submete aos seus desígnios: “Este é todo o paradoxo moderno: se levamos em consideração os híbridos, estamos apenas diante de mistos de natureza e cultura; se

---

consideramos os trabalho de purificação, estamos diante de uma separação total entre natureza e cultura.”. LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. p. 35

### Referências Bibliográficas

- ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e a crônica sobre a cidade amada**. Fortaleza: Programa Editorial da Casa de José de Alencar, 1998.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de Teoria da História. - Bauru, SP: Edusc, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.
- \_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CAMPOS, Eduardo. **Capítulos de história da Fortaleza do século XIX: o social e o urbano**. Fortaleza: UFC, 1984.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Portugal: DIFEL, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: a história da violência nas prisões**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 1997.
- GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1997.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Ciência em ação**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012.
- MENEZES, Antônio Bezerra de. **Descrição da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Ed. UFC, 1992.
- RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Rio de Janeiro: Editorial Estampa 1998.
- SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.